

# O poeta e a cidade no mundo romano

Cristina Pimentel, José Luís Brandão,  
Paolo Fedeli (coords.)

## A ROMA DOS FLÁVIOS: GENTE E SENTIMENTOS NOS *EPIGRAMAS* DE MARCIAL

MARIA CRISTINA DE CASTRO-MAIA DE SOUSA PIMENTEL  
Universidade de Lisboa  
*Centro de Estudos Clássicos*

Bajulador e obsceno: dois rótulos que, ao longo dos tempos, se colaram ao poeta Marco Valério Marcial e prejudicaram a avaliação dos seus leitores, guiados por estudos que, sucessiva e acriticamente, seguiam perspectivas herdadas de outros, e, também, por preconceitos datados e princípios morais mais inflexíveis, ainda que, quantas vezes, não inteiramente sinceros. Estamos hoje, para o bem e para o mal, libertos de constrangimentos que afectem a nossa leitura dos autores antigos, e podemos por isso olhar para Marcial com olhos mais lúcidos, sem confundir valor literário com valores morais. Isso nos leva a questionar, perante os quinze livros de epigramas, a perspectiva do poeta no tocante ao poder instituído, bem como ao papel do sexo na sociedade romana em que vivia e, é claro, na sua própria vida.

Relativamente à adulação, julgo pertinente lançarmos as seguintes questões: Marcial adulou porque quis adular, uma vez que admirava o *princeps* e a época em que vivia? Ou tê-lo-á feito porque lhe era necessária e conveniente essa atitude para alcançar a fama e, em última instância, sobreviver? Adiantando uma resposta, e sem prejuízo do debate que estas perguntas possam suscitar, direi que, quanto mais leio os *Epigramas* e estudo a época dos Flávios e o dealbar da dos Antoninos, mais me parece que a poesia de Marcial deixa transparecer a simbiose entre dois sentimentos: a admiração pela obra feita pelos *principes* e pela expressão do seu poder, e o desejo, afinal bem compreensível, de assegurar a sua própria fama e garantir o pão de cada dia.

Marcial chegou a Roma pelo ano 64 do séc. I da nossa era. Vinha de Bílbilis, a cidade pequenina onde nascera, na Hispânia Tarraconense, lugarejo que decerto lhe pareceu acanhado para os seus sonhos e para o caminho da fama que o seu talento almejava. De outro modo, porque teria partido? Quando chegou à capital do império, de imediato se deve ter deslumbrado com a grandeza dos monumentos: que impressão lhe terá realmente causado a *Domus Aurea* e o colosso de Nero, cujo espanto se verá mais tarde na obrigação de exprobrar (*Sp.* 2), morto o megalómano que os concebera? Bem depressa o poeta se deve ter deixado impressionar pela agitação e o requinte das festas e dos jogos, pelo luxo dos ricos e a autoridade dos poderosos. Tudo era tão diferente da terrinha de onde saíra e onde um dia, muitos anos depois, desencantado, amargo e gasto pelos anos e pela vida estreita, há-de querer voltar, regresso que só serviu para revelar, nas gentes de Bílbilis, o espírito

tacanhos dos invejosos e dos que respiram raiva contra quem ousa rasgar o horizonte<sup>1</sup>.

Em Roma, porém, o poeta experimentou as dificuldades de quem não tem posses nem influência: descoberta a conjura contra Nero no ano 65, e caídos em desgraça os patronos que o haviam acolhido<sup>2</sup>, restou a Marcial procurar quem lhe garantisse o sustento. Não, não regressou à terra natal: como o faria sem se confessar vencido, tão pouco tempo após a partida? Ficou, pois, em Roma, e foi deitando mão ao que podia. E o que podia era pouco mais do que a vida de *cliens*, via-sacra que aprende a percorrer, ainda quando as manhãs chuvosas, e o sono abreviado, e a humilhação das esperas e dos pedidos, no álgido limiar das casas de patronos arrogantes e ingratos que tão bem retratou nos epigramas<sup>3</sup>, lhe deixavam o amargo de boca de quem não é, e sente que não é, livre<sup>4</sup>. Longos anos de deserto, os que atravessou, aqueles em que nada sabemos do que terá feito: mas podemos imaginar que, a par da rede de *amici* que foi tecendo, uns mais chegados, outros mais tiranos e egoístas, lá foi o nosso poeta observando, quase sempre mordaz, mas algumas vezes também tocado de compaixão ou movido de simpatia, os inúmeros traços da comédia e a mão-cheia de chagas da tragédia da vida em Roma e dos seus protagonistas, instantâneos que guardava na memória e de que depois fazia a seiva dos seus epigramas.

Com a chegada de Tito ao poder, Marcial encontra a oportunidade de, enfim, colher da sua arte algum fruto mais sumarento do que as migalhas da mesa daqueles que lhe garantiam a espórtula diária e a decência de uma

---

<sup>1</sup> ... a má-língua dos munitípes e a inveja, em lugar da crítica, e um ou dois malévolos, demasiados para lugar tão pequeno é o que Marcial encontra no seu regresso à terra natal, como diz na epístola introdutória do Livro 12, dirigida a Terêncio Prisco. Na citação dos passos traduzidos, usamos a edição dos *Epigramas* de Marcial, com introdução e notas de Cristina Pimentel, e tradução de Delfim Ferreira Leão (Livros *Dos Espectáculos*, 4, 7, 11 e 13), José Luís Brandão (Livros 1, 2, 6, 9 e 12) e Paulo Sérgio Ferreira (Livros 3, 5, 8, 10 e 14), Lisboa, 4 vol., 2000-2004.

<sup>2</sup> Concretamente os Sénecas e os Pisões, que evoca com saudosa gratidão em 4.40,1-2. Cf. 12.36.8.

<sup>3</sup> São recorrentes, nos epigramas, as referências aos *atria* e aos *limina* dos poderosos, i.e., dos patronos que não eram *amici*, o que se vê nas sinédoques que designam a casa: os *clientes* não passavam do limiar ou, na melhor das hipóteses, do *atrium*, jamais tinham acesso ao coração da *domus*, reservado para íntimos e próximos. V. v.g., 1.70.13 (*limen superbum*); 5.20.5 (*atria potentum*); 12.18.4 (*limina potentiorum*); 12.68.2 (*atria ambitiosa*), além de 1.55.5-6; 9.100; 10.10; 70; 74; 11.29(26); 12.29... Outra situação amiúde denunciada no comportamento dos patronos é a das *cenae* em que aos *clientes* eram servidos alimentos e bebidas diferentes (e, obviamente, de muito pior qualidade) dos que os que o patrono consumia. V., e.g. 1.20; 3.60; 4.68; 6.11; 10.49... Não admira, pois, o desabafo de 5.22.13: *Semper inhumanos habet officiosus amicos* (*Sempre desumanos tem o cliente os seus amigos!*).

<sup>4</sup> A um *cliens* como ele, que vive e se alimenta à custa de patronos, mas pensa que tem o direito de falar mal deles e insultá-los, assegura o poeta, lapidariamente: *Liber non potes et gulosus esse* (9.9.4: *livre e guloso ao mesmo tempo é que não podes ser*). Cf. tb. 2.53.

toga. Pese embora alguma crítica que relacionou o *Liber Spectaculorum* com a celebração de jogos em tempo de Domiciano, cremos que foi em 80, para os fabulosos *ludi* de inauguração do Anfiteatro dos Flávios, depois conhecido por Coliseu, como celebração desses cem dias em que todo o mundo romano, numa variedade de raças e povos (*Sp.* 3; 27.1), se concentrou na capital para ver o espectáculo com que o imperador ostentava o seu poder, que Marcial compôs, e divulgou junto de quem importava que o conhecesse, o livrinho que nos revela alguém que, no meio da multidão, se fascina com o aparato, com a grandiosidade dos diferentes momentos do espectáculo: os homens e os animais na arena, até as mulheres a enfrentarem as feras em inusitada *uenatio*, os *ballets* aquáticos, a naumaquia, as *fabulae mythologicae* com as suas fantásticas maquinarias – e a crueza do seu final –, os pares de gladiadores ou os *bestiarii* de excepção, a chuva de açafrão caindo sobre os espectadores, e, lá em cima na tribuna imperial, o *princeps*, a quem todos, homens e animais, prestavam a homenagem que lhe era devida<sup>5</sup>. Até que ponto Marcial se deixa guiar pela genuína admiração pelo senhor de Roma, nunca o saberemos. Mas, no tom com que o sentimos vibrar perante o que os seus olhos vêem, podemos descortinar, pelo menos, a sinceridade de quem admira o que Roma dá ao mundo, e o orgulho de quem se sente parte integrante de um povo que considera superior a todos os outros. Por muito que hoje em dia, lembrados de ideologias que exterminaram milhões de seres humanos considerados inferiores, recordados, a cada noticiário, de que esses não são tempos irrevogavelmente esquecidos, por muito que hoje em dia, repito, tal orgulho nos pareça malsão e de consequências sinistras, encarar essa atitude à luz dos nossos valores é interpretação abusiva da parte de quem se debruça sobre o pensar e o sentir de um Romano, e um Romano das últimas décadas do séc. I, quando o império estava prestes a atingir a sua maior extensão, ainda que, sem que delas se desse conta, as sementes do declínio tivessem já começado a germinar.

Recompensado por Tito, confirmado por Domiciano na benesse que o guindava a estatuto social mais elevado, detentor do *ius trium liberorum* – mas não dos três filhos... – tribuno e *eques*<sup>6</sup>, sem todavia ter conquistado o que nunca tivera nem viria a ter, a efectiva independência económica, como podemos admirar-nos de que Marcial tenha continuado a trilhar, cada vez com mais empenho, os estafados atalhos da adulação? Como podemos estranhar

<sup>5</sup> V. *uenationes* (*Sp.* 11; 12; 13; 14; 15; 16; 19; 21; 22) e mulheres na arena (*Sp.* 7 e 8; cf. Dión 66.25); *ballets* aquáticos (*Sp.* 30; 34); naumaquias (*Sp.* 27; 34); *fabulae mythologicae*, mimos, hidromimos e pantomimas (*Sp.* 6; 9; 10; 24; 25; 28; 29); pares de gladiadores (*Sp.* 23; 31) ou *bestiarii* excepcionais (como Carpóforo: *Sp.* 17; 26; 32); as *sparsiones*, chuva de açafrão lançada sobre os espectadores, com propriedades fumigatórias e odoríferas (*Sp.* 3.8); a *proskynesis* de animais (*Sp.* 20; 33).

<sup>6</sup> Cf. 2.91; 92; 3.95.5-6; 5.13.2; 9.97.5-6.

que ele tenha acreditado que o seu talento haveria de merecer a devida glória entre os Romanos e, em especial, de conquistar-lhe um lugar de preferência junto daquele que detinha nas mãos o poder absoluto, de vida e de morte, sobre tudo e sobre todos?

Aceitemos, pois, esta evidência: Marcial, efectivamente, adula, e a sua *ars* molda o seu *ingenium* de modo a desenvolver uma fantástica – ainda que quase nunca bem-sucedida – estratégia de adulação. Marcial concentra-se e emprega todos os recursos que o epigrama lhe permite, ou que ele próprio lhe confere, para conseguir um objectivo: o encómio de um momento – aquele em que vivia e escrevia – e o de quem, nesse momento, mandava em Roma. Deixemos de parte qualquer juízo de valor sobre os quinze anos do principado de Domiciano, aqueles durante os quais Marcial escreveu e publicou a maioria dos seus livros, tanto mais que, como é óbvio, não é fácil traçar a bissectriz entre a visão laudatória que nos deram autores como, além de Marcial, Estácio, Sílio Itálico, até Quintiliano, e a perspectiva de condenação, tão parcial quanto o encómio, adoptada por escritores como Tácito, Plínio, Juvenal, Suetónio ou também Epicteto, Filóstrato, Díon Cássio: todos, afinal, escritores que o foram quando já podiam escrever em segurança, após a morte de Domiciano, e quando, para engrandecer os novos senhores de Roma, Nerva, Trajano, Adriano, havia que pintar com as mais negras cores a tirania a que eles haviam posto fim, como de resto as normas retóricas do encómio propunham e ensinavam. Marcial, que também tentou fazer o mesmo, procurando, de forma que a nós nos parece quase patética, retractar-se dos louvores cada vez mais desbragados que tecera a Domiciano, pouco ou nada conseguiu. Ao contrário do que sonhara e do que julgara possível, ele nunca deixou de pertencer àquelas franjas da sociedade que não têm peso nem influência. Talvez por isso nos dê a sensação de que ninguém parece ter-se preocupado com ele quando chegou o momento do ajuste de contas. Nada lhe aconteceu de grave, mas também nada lhe aconteceu de bom. Continuou a sua apagada vidinha de *cliens*, agravada pelo peso dos anos e talvez por alguma má consciência pela volta-face que foi obrigado a fazer, e sempre, sempre sem muito dinheiro nem a duradoura fama que ambicionava. Talvez por isso, também, não possamos deixar de sentir a sinceridade do seu cansaço, do seu desalento, da entranhada velhice que, mais do que o corpo, lhe tolhia o espírito, quando resolve voltar à terra natal, onde, para que o ciclo se feche, nada encontra do que esperava, a não ser as horas em que pode dormir até a manhã ser alta<sup>7</sup>, e onde, ao invés, encontra tudo aquilo

<sup>7</sup> O desejo de dormir sem entraves e incómodos parece atravessar os *Epigramas*: v. 1.49.36; 10.74.12; 12.57.28. Num epigrama (12.18) dirigido a Juvenal, que ficou preso em Roma à vida de *cliens* enquanto Marcial usufrui do sossego de Bílbilis, gaba-se o poeta de ter conquistado o gozo de um sono descaradamente longo / que, amiúde, nem a terceira hora quebra (vv. 13-14: *Ingenti fruor improboque somno, / Quem nec tertia saepe rumpit hora*). Por isso, em 12.68, assegura que

de que fugira aos vinte e poucos anos: a estreiteza das mentes e as dentadas da inveja. E aí, nesse poço fundo que lhe antecedeu a morte, sentimos também que o seu amor por Roma era genuíno, traduzido nas saudades dos amigos e da vida que lá levava, na falta dos teatros, dos pórticos, dos recintos dos jogos, das bibliotecas, das conversas com gente que, como ele, tinha o espírito fino e apurado para as artes<sup>8</sup> e também, porque não?, para a universalmente humana actividade do mexerico e da má-língua.

E então, numa visão que é retrospectiva relativamente à leitura cronológica dos livros dos *Epigramas*, percebemos que a adulação não foi assim tão desprovida de alguma sinceridade por parte do poeta, quando louvava as qualidades do *princeps*, as suas vitórias militares – as que obteve de facto e as que a propaganda lhe terá atribuído – as medidas e as leis promulgadas, a política de construções e de jogos que empreendeu, enfim, numa palavra, entendemos o móbil do poeta quando criteriosamente escolhe os acontecimentos e circunstâncias que considerou importante enaltecer (ou denegrir), em campos tão diversos como o social, o militar, o político e religioso, o administrativo, como também compreendemos o seu silêncio sobre outras circunstâncias que, menos douradas, menos transparentes, não cabiam na moldura encomiástica que Marcial, livro a livro, numa vertigem para nós obsidiante e às vezes difícil de aceitar, vai estreitando e apurando até ao limite que as palavras permitem.

No entanto, insistimos neste aspecto, que admiração há em que Marcial, que, mal chegara da Hispânia, viu a destruição causada pelo enorme incêndio que devastou Roma em 64, que viu a cidade arrasada pela guerra civil do ano 69, assolada pelos soldados de Vitélio que a ocupavam e pelos de Vespasiano que a tomaram de assalto, que a viu de novo destróçada por um grave incêndio durante o principado de Tito, que admiração há, pois, que ele se tenha deixado empolgar pela reconstrução que Domiciano levou a cabo, reerguendo o que há décadas jazia em ruínas (5.7), construindo novos e mais esplendorosos monumentos civis e religiosos, enchendo as colinas com estátuas suas, apenas de metais preciosos, e de arcos magníficos em celebração das suas vitórias<sup>9</sup>? Que nos espanta que ele, apreciador como era de andar pelas ruas decerto

---

foram os *officia* matutinos que, na sua condição de *cliens*, tinha de cumprir, que o levaram a deixar a capital e a refugiar-se na terra natal, advertindo por fim: *Agrada-me o sossego e o sono que a grandeza de Roma / me negava então: regresso, se nem aqui posso dormir* (vv. 5-6).

<sup>8</sup> Mergulhado na *pasmaceira provinciana* (in ... *prouinciali solitudine*), Marcial confessa, na epístola introdutória do livro 12, que sente falta dos *ouvidos da cidade*, da *argúcia dos juízos*, da *fecundidade dos argumentos*, pois não tem as *bibliotecas*, os *teatros*, as *reuniões*, onde se estuda sem que o prazer se ressinta.

<sup>9</sup> Cf. 1.70.5-6; Suet. *Dom.* 13.6-7; Plin. *Pan.* 53.3; Dión 67.8.1; 68.1.1. São inúmeros os epigramas em que o poeta exalta a actuação política de Domiciano, traduzida no engrandecimento da cidade e numa época que ele diz entre todas magnífica, pelo respeito das leis, da moral, da tradição, dos ritos e cultos. A título de exemplo, v. 5.19.1-6; 6.4; 8.36; 39; 65; 9.3; 5; 101; 10.28...

em amena cavaqueira com os amigos, de olho alerta a descortinar os podres e os vícios do seu semelhante, tenha achado justíssima a determinação de Domiciano de limpar das ruas de Roma de toda a parafernália dos comerciantes que atravancavam os passeios e atrapalhavam o trânsito com a exposição da traquitana da sua mercadoria (7.61), e se tenha encantado com o embelezamento de casas, janelas, templos e estátuas com rosas que o *princeps* mandava vir expressamente de estufas que as produziam, mesmo no Inverno (6.80; 13.127)?

Ainda assim, porém, e correndo o risco de fazermos o que tanto queremos evitar, não podemos deixar de reparar que muitas das medidas a que Marcial dá o seu aval são absolutamente reveladoras da sua visão conservadora da sociedade e do governo do estado. Tal é manifesto quando louva todas as medidas que Domiciano promulgou ou reinstituiu reabilitando o *mos antiquus*, como dizia ser timbre da sua orientação política. Esse desiderato abrangeu campos como a moralização dos costumes ou a restauração do tradicional ordenamento da sociedade, com o necessário respeito pela hierarquia dos estratos que a compunham. Para só referirmos alguns casos, lembremos como, com o pano de fundo dos reiterados encômios à *Pudicitia* que regressara a Roma pela mão do terceiro Flávio, Marcial rejubila com a reposição em vigor da *lex Iulia de adulteriis coercendis* – até porque os infractores se punham a jeito da sua mordacidade epigramática!<sup>10</sup> – ou com a reinstituição da *lex Roscia theatralis*, que, nos recintos dos jogos, reservava à classe equestre as primeiras catorze filas imediatamente a seguir aos lugares adstritos aos senadores<sup>11</sup> – e aqui, como se imagina, o *eques* Marcial era parte interessada na garantia de um lugarzinho jeitoso quando ia aos espectáculos de que tanto gostava. Nessa mesma ordem de ideias, quando o poeta se sente beneficiado por certas medidas e, por isso, não pode senão apoiá-las, ainda que tal não possa estar isento da parcialidade de quem é juiz em causa própria, não podemos estranhar que Marcial não tenha ficado indiferente à variedade acrescida – e talvez também à possibilidade de um maior volume de apostas – que trazia ao espectáculo a introdução de duas novas *factiones*, a *aurata* e a *purpurea*, que vieram juntar-se às quatro já existentes nas corridas do circo<sup>12</sup>. No tocante à parcialidade de Marcial, não podemos deixar de reparar que há

<sup>10</sup> Cf. 2.61; 83; 5.75; 6.2.1; 7; 22; 45; 91; 9.5.8;

<sup>11</sup> Cf. 3.95.9-10; 4.67; 5.8; 14; 23; 25; 27; 35; 38; 41; 6.9. V. Suet. *Dom.* 8.4.

<sup>12</sup> 14.55; 131; cf. Suet. *Dom.* 7.1; Díon 67.4.4. As *factiones* que já existiam eram a *ueneta* (azul), a *prasina* (verde), a *alba* (branca) e a *russata* (encarnada). As duas primeiras eram as que granjeavam mais adeptos. Os imperadores, consoante queriam parecer mais populares ou mais aristocratas, divulgavam o seu apoio, respectivamente, à *factio prasina* ou à *ueneta*. Domiciano ‘torcia’ pelos Verdes, pelo que, durante o seu principado, segundo o próprio Marcial deixa transparecer, os Azuis não tinham grandes hipóteses de vitória (6.46; 11.33). O sucesso das novas *factiones* não durou mais que o tempo de vida do seu criador.



uma única medida de Domiciano que ele não apoia, e contra a qual desenvolve aquilo que hoje chamaríamos uma vasta campanha de contestação: trata-se da transformação da *sportula* devida pelos patronos aos seus *clientes* que, por imposição imperial, passara de entrega de dinheiro à obrigação de uma *recta cena*. Mas aí, é claro, Marcial é mais uma vez parte interessada e tem com ele, no coro de protestos, os dois lados da relação clientelar: nem os patronos querem dar uma *cena* diária à multidão de *clientes* que lhes servem antes para as campanhas políticas e para a ostentação pública do poder que detêm, nem os *clientes* estão interessados, porque lhes é materialmente impossível, em sobreviver, a troco de tanta cansaça dos *officia* a que estão obrigados, com a única refeição diária que assim teriam garantida, com a agravante de, como era frequente, ser composta por comida e bebida de segunda ou terceira escolha. Naturalmente, quando a determinação foi revogada, o poeta não pôde senão rejubilar<sup>13</sup>, pois voltava a poder receber, de cada um dos seus patronos, cem *quadrantes*, o que lhe ia dando para os gastos.

Para a adulação de outras personagens dos epigramas, talvez já seja mais difícil descortinar outros motivos além daqueles que presidem ao desejo de conseguir acesso às mais altas instâncias imperiais, ou, pelo menos, de garantir a ajuda daqueles que gravitavam em torno do centro do poder, que o mesmo é dizer do imperador. Nos seus louvores, Marcial procede segundo um esquema de círculos que, em termos de poder e influência, progressivamente se afastam de um centro, obviamente ocupado pelos *principes* sob quem escreveu, Tito, Domiciano, Nerva e Trajano, alvos preferenciais da sua poesia, incluindo nessa galáxia de astros também os membros da *familia* imperial já desaparecidos, em culto rendido a quem fora transformado em *diuus*<sup>14</sup>.

Em seguida, não enjeita o poeta, numa espécie de segunda linha estratégica, a vantagem de adular ou evocar aqueles que, seguindo carreiras políticas ou militares de relevo, eram responsáveis pela concretização dos desígnios imperiais, ou aqueles que, pela fortuna ou estatuto de que gozavam, pertenciam aos estratos político-sociais dominantes. Para só referirmos alguns exemplos eloquentes, nos *Epigramas* há espaço para altos funcionários imperiais como Sílio Itálico, Plínio-o-Moço, Cláudio Etrusco e seu pai, *a rationibus* de Tibério e dos imperadores que lhe sucederam, Licínio Sura, Antístio Rústico, Domício Apolinar, M. António Primo, Mécio Célere, legado na Hispânia Citerior, Istância Rufo, que veio a ser procônsul da Bética, o rico e erudito magistrado Arrúncio Estela<sup>15</sup>. A estes nomes juntam-se outros, ligados ao campo da arte,

<sup>13</sup> Cf. 3.7; 14; 30; 60.

<sup>14</sup> Concretamente, a sobrinha, Júlia (6.3; 13; 9.1), filha de Tito, que se disse ter sido sua amante e ter morrido na sequência de um aborto que Domiciano a obrigou a fazer, e o filho que, em 73, teve de sua mulher, Domícia Longina, morto de tenra idade (4.3; 9.86).

<sup>15</sup> Sem exaustividade, registem-se: Sílio Itálico – 4.14; 6.64; 7.63; 8.66; 9.86; 11.48; 50(49);



como Rabírio (7.56; 10.71), o arquitecto que desenhou e construiu a fabulosa *Domus Flauia* no Palatino, ou da literatura, como Quintiliano, preceptor dos filhos adoptivos de Domiciano (2.90), ou Colino (4.54) e Caro (9.23; 24), premiados, respectivamente, nos *ludi Capitolini* e nos *ludi Albani*, jogos instituídos por Domiciano. Enfim, uma panóplia de nomes dos que hoje diríamos ‘colunáveis’.

Quanto aos libertos, afinal também membros da *familia* imperial, Marcial escolhe aqueles que, dentro do *Palatium*, tinham funções relacionadas com o tratamento e atendimento do *princeps*, pois, naturalmente, vê-os como fulcrais no processo de adulação que empreende: a convivência diária com o imperador e a intimidade que daí advinha fazem deles – pelo menos assim o julga Marcial – os intermediários ideais para que o poeta ascenda ao favor do *princeps*. Para que seja evidente a dimensão deste ‘círculo’ de personagens que Marcial tenta – quase sempre sem sucesso – ganhar para a sua causa, lembremos brevemente quem eles eram: Parténio, o *cubicularius* de Domiciano, que acabou por integrar o grupo que planeou e executou o assassinio do imperador; Eufemo, liberto de origem grega que desempenhava funções também de mordomo (*tricliniarcha*) de Domiciano; Sigero, outro dos seus *ministri*, que também veio a contar-se entre os *amici* e *liberti* imperiais que planearam e executaram o homicídio de Domiciano; Sexto, liberto do *princeps*, seu secretário e bibliotecário; Entelo, seu *a libellis*, ao que parece também um dos seus futuros assassinos<sup>16</sup>; Flávio Eáрино, escanção de Domiciano e seu *puer delicatus*, preferido entre todos, a quem Marcial dedica nada menos que um ciclo de seis epigramas (9.11; 12; 13; 16; 17; 36), decerto no momento em que o jovem atingia o auge do favor do *princeps*.

O poeta não hesita mesmo perante o louvor de outro grupo de colaboradores próximos de Domiciano, constituído pelos delatores. O exemplo mais expressivo é o de Marco Aquílio Régulo, de quem Marcial nos deixou um retrato elogioso que em tudo contrasta com aquele que outras fontes, como Plínio e Tácito, traçaram<sup>17</sup>. E também não desperdiça a ocasião de adular Crispino, protegido e amigo de Domiciano, aquele sobre quem Juvenal dizia que *difficile est saturam non scribere*<sup>18</sup>.

Poderíamos acrescentar a estes nomes o de muitos outros que, por esta ou aquela razão, se encontravam próximos do poder, e, sobretudo por isso,

Plínio-o-Moço – 10.20(19); Cláudio Etrusco e seu pai – 6.42; 7.40; Licínio Sura – 6.54.9; 7.47; Antístio Rústico (e a mulher, Nigrina) – 4.75; 9.30; Domício Apolinar – 4.86; 7.26; 89; 10.30; 11.15; M. António Primo – 10.23; 32; Mécio Célere – 7.52; Istância Rufo – 7.68; 8.50; 73; 12.95.4; 98.5. Arrúncio Estela, mais amigo que patrono, pelo que lemos nos epigramas, é presença constante na obra de Marcial.

<sup>16</sup> Cf. 4.45; 5.6; 8.28; 9.49; 11.1; 12.11 (Parténio); 4.8 (Eufemo); 4.78 (Sigero); 5.5 (Sexto); 8.68 (Entelo).

<sup>17</sup> 1.12; 82; 111; 2.74; 93; 5.10; 21; 28.6; 63; 6.38; 64.11...

<sup>18</sup> 1.30. Em Marcial, v. 7.99; 8.48.

mereceram a atenção e a reverência de Marcial, que os considerava como que um trampolim para conseguir também ele a desejada intimidade e reconhecimento do imperador.

Também no que toca às mulheres e a uma sua eventual emancipação social e sobretudo sexual podemos descortinar a atitude conservadora do poeta, desconfiado e temeroso do poder de que, em sua opinião, elas davam mostras e de um propósito que as nortearia, a de tomarem nas mãos, até ao limite do possível e muitas vezes infringindo as leis, as rédeas da sua vida, escolhendo quem queriam e como queriam, rejeitando quem não queriam, dominando quando e onde encontravam terreno mole, numa ameaça constante da hierarquia tradicional entre os sexos, numa inversão da ordem que o assustava tanto quanto a ascensão social dos libertos e da gatinha sem escrúpulos. Assim sendo, Marcial enquadra-se, em contraste formal mas com identidade de intenções, no coro de moralistas indignados que a literatura latina nos faz ouvir, irritados com o evoluir dos costumes e dos modos de estar na vida. Marcial ataca, condena, denuncia os excessos, aponta o dedo ao desconcerto do mundo, acumulando exemplos que me dispenso de evocar, num extenso e compósito mosaico que resulta numa tela assustadora de relações humanas pautadas quase exclusivamente pelo fogo da lubricidade e pela febre de arrecadar dinheiro. Nesse sentido, o que faz de Marcial um moralista, ou, talvez melhor, um ressabiado com as mulheres que assumem um comportamento até há pouco considerado eminentemente masculino, dispondo do seu dinheiro e, por isso, mandando, usando os homens como mercadoria de prazer e deles se desfazendo como objectos descartáveis para logo passar a outros amores ou para esbulhar outras bolsas, nesse sentido, dizíamos, Marcial aproximar-se-ia, pelo menos nos objectivos, embora não nos pressupostos, da reflexão de um Séneca que, nas alusões às mulheres, tantas vezes censura a imoralidade, o luxo desenfreado, a abjecção dos comportamentos, como quando refere as fabulosas fortunas que pendiam das orelhas de algumas damas mais abastadas, em brincos de grandes e pesadas pérolas que chamavam a atenção de todos (e lhes deformavam as orelhas...) <sup>19</sup>, quando, em generalização hiperbólica, se indigna com as vestes caríssimas de seda transparente que revelavam as formas e a desvergonha femininas <sup>20</sup>, quando se agasta com o facto de as mulheres, por terem seguido os maus exemplos dos homens ao quererem tornar-se iguais a eles, estarem a sofrer de gota pelos desmandos alimentares ou de alopecia por excessos da moda e de cosméticos <sup>21</sup>, ou invectiva as mulheres que já nem

<sup>19</sup> Cf. *Ben.* 7.9.4; *Const.* 14.1. V. outras referências censórias em *Ep.* 51.12 (as “mundanas” que passeiam de barquinho na estância termal – e de perdição – em Baías).

<sup>20</sup> Cf. *Helv.* 16.4; *Ben.* 1.9.3; 7. 9.5; *Ep.* 90.20. Também no *De Matrimonio* Séneca elevou a voz contra as vestes de seda e as jóias, sinais de vida menos digna.

<sup>21</sup> *Ep.* 95.20-21.

sabiam quantos maridos tinham tido e que, em vez de contarem os anos de vida pela nomeação dos cônsules, os contabilizavam pelos divórcios e sucessivos casamentos<sup>22</sup>. Para qualquer destas circunstâncias censuradas por Sêneca podemos evocar paralelos nos epigramas de Marcial, onde há mulheres que já casaram dez vezes para legalizar os adultérios e por necessária obediência à lei Júlia (6.7), onde se diz que só é casta a mulher que, sem se dar, também se não nega<sup>23</sup>, ou se demonstra aos maridos a perfeita inutilidade dos esforços em guardarem as esposas, pois elas encontrarão sempre meios de satisfazer a desvergonha<sup>24</sup>.

Sem esquecer a herança da literatura grega, nem a da comédia plautina, há estudos que apontam, com pertinência, para os antecedentes literários do quadro pintado por Marcial relativamente aos assuntos do amor: no caso particular da literatura latina, a poesia elegíaca. Aí se encontrariam, embora sob os *topoi* do código que rege o género, as sementes literárias das mulheres devassas, dominadoras, insensíveis e exploradoras que perpassam pela obra de Marcial, mas também dos juvenzinhos cruéis que conquistam o amor do poeta e depois, cientes do poder que detêm, se furtam, e esquivam, e magoam, num jogo de sedução e de traições que revolta mas prende, que tece, na insatisfação e no desejo, as amarras do corpo e os laços do afecto. Assim parece ser, de facto, pois, na poesia de Marcial, há muito do perfil da amada elegíaca, com os seus *furta*, a sua insensibilidade e depravação, a sua *avaritia* e falta de escrúpulos, a sua atitude de manter pela rédea curta do amor e do desejo o amado que a ela se submete, ainda por cima gostosamente, no que se convencionou chamar o *seruitium amoris*, preso nos *uincula* e disposto ao *obsequium*, rejubilando enfim com uma ou outra migalha de amor em noites em que a porta da casa da *domina* não ficou fechada e em que a cama dela não recebeu nenhum rival de bolsa mais provida, abrindo-se ao invés para as *rixae amoris*, para a batalha dos corpos e o apaziguamento dos sentidos. Como também há muito do *Marathus* de Tibulo, belo, jovem, inconstante e venal, que tão depressa se rende à sedução dos amores pelo sexo oposto, como, falta imperdoável, se deixa comprar pela bolsa abonada de um velho libidinoso e repelente, nos escravos de Marcial que se aproximam, à voz do senhor, com o vinho e as rosas e o encanto dos cabelos longos e da pele macia, para logo se esquivarem ou retardarem o prazer em cruéis negaças, ou, supremo desalento, fazerem o poeta sentir o peso do passar dos anos na necessidade de implorar o amor àqueles que outrora tudo lhe davam sem que ele nada tivesse de pedir (12.71).

<sup>22</sup> Ben. 3.16.2. Cf. tb. *Tranq.* 12.4 e *De Matrimonio* F 36 Vottero = F 68 Haase.

<sup>23</sup> 4.71. Sêneca assevera que só é casta a mulher *deformis* (cf. Ben. 3.16.3: *Argumentum est deformitatis pudicitia*).

<sup>24</sup> É o que se depreende e.g. de 11.7 ou, ainda, de 11.16.9-10.

Há, pois, algo que não podemos iludir: a perspectiva conservadora de Marcial, que, em coisas de sexo, entende que a mulher deve ser inferior ao marido, em riqueza e em cultura<sup>25</sup>, que olha desconfiado para todos os que não têm, como ele, o ar façanhudo de quem é macho (10.65), ou os que lançam mão de adereços ou artifícios que cataloga, obviamente, como pouco viris, como pintar o cabelo, usar perfume, jóias ou roupa de cores inadequadas, bem como depilarem-se<sup>26</sup>, que entende e aplica a escala rígida da hierarquia do que é degradante no sexo: Marcial gaba-se de ser daqueles que só assume o papel activo, e tudo o que saia da estrita penetração fállica de mulheres ou de rapazinhos é por ele considerado aviltante e, por isso, frutífero ingrediente para a feitura dos seus epigramas. De facto, no terreno interdito dos 10% de epigramas que, como J.P. Sullivan escreve, “would be regarded as obscene nowadays”<sup>27</sup>, jamais somos levados a cair no erro grosseiro de identificar sexo, ainda por cima com traços de irreprimível desbragamento, com amor ou, mais ainda, de tomar como verdade o que é convenção literária, *topos* de género ou herança de tipos e recursos técnicos de outras épocas que se imitam e renovam.

Lida e relida a obra do poeta, o que encontramos não sei se é alguma vez aquilo a que possa chamar-se amor. Aqui e além, talvez, uma ânsia de amar<sup>28</sup> mas, ainda assim, por vezes ligada a objectivos tão prosaicos, como sugerir a um patrono que, se quer que ele escreva como Vergílio escreveu, lhe deve dar um escravo como Aléxis<sup>29</sup>. Aqui e além, o desenho ideal da mulher que quereria amar, mas que adivinha, desenganado, que nunca encontrará, uma mulher que saiba ser amante sem deixar de ser casta<sup>30</sup>. Mas mesmo esse ideal que, já de si, aponta para um código de normas morais que só se pode infringir no segredo das alcovas e na salvaguarda das aparências, aparece outras vezes maculado de exigências prosaicas e soezes, como quando declara não querer mulheres nem muito difíceis nem demasiado fáceis, para não sofrer demasiado

<sup>25</sup> Leia-se 8.12: *Perguntam porque não quero uma esposa rica / desposar? Não quero ser esposa da minha esposa. / Que a mulher seja, Prisco, inferior ao seu marido: / de outro modo não há igualdade entre mulher e homem.* Ou 11.19, onde, para não casar com Gala, Marcial dá a razão de que ela é muito literata. Já em 2.90, enumerando a Quintiliano o que lhe basta para ser feliz, inclui *uma mulher pouco erudita* (v.9: *non doctissima coniunx*).

<sup>26</sup> 1.96; 2.12; 29; 62; 3.43; 74; 4.36; 5.23; 41; 61; 6.55; 64; 8.47; 9.27; 10.65; 12.38...

<sup>27</sup> *Martial. The unexpected classic.* Cambridge, Univ. Press, 1991, 185.

<sup>28</sup> Sobre o tema, v. Walter de Medeiros, “O poeta que buscava o amor”, *Humanitas* 35-36 (1983-84), 87-103, e José Luís Brandão, ‘*Da quod amem*’. *Amor e amargor na poesia de Marcial.* Lisboa, Colibri, 1998.

<sup>29</sup> Cf. 8.55 (embora Marcial se engane ao atribuir a Mecenas a oferta de Aléxis a Vergílio: foi Asínio Polião quem lho deu de presente). V. tb. 5.16.12; 8. 73.10.

<sup>30</sup> 10.47.10: *non tristis torus, et tamen pudicus* (um leito nupcial não austero, e contudo honrado). Em tom mais ligeiro, em 11.104.21-22, assevera que a mulher que queira viver com ele pode ser uma Lucrécia de dia mas, de noite, tem de ser uma Laís.

nem se saciar depressa (1.57.2-4), quando rejeita liminarmente casar-se com uma mulher mais rica do que ele, por receio de ocupar no matrimónio posição de inferioridade (8.12), ou unir-se “à que pede alto preço e recita palavras caras” (9.32.5), quando revela que não deseja uma mulher nem muito magra nem muito gorda (11.100), mas que, acima de tudo, a quer bela, mesmo que escrava (3.33), ou quando conclui a ‘lista’ dos seus requisitos para uma vida feliz com o desejo de um *puer* que se conserve imberbe por muitos anos, a par de uma *puella* que possa partilhar com esse escravo (2.42).

Aqui e além, o amor dos jovens. Mas que amor? O do entendimento, difícil e fugaz, mas ainda assim possível, dos corpos, mas de que nada resta até ao momento em que, de novo, os sentidos se tornam exigentes e reclamam, raras vezes com ternura e amiúde com crueldade (5.46), a saciedade dos sentidos, a obediência às pulsões do instinto; mas nada mais. Sucedem-se, nos epigramas, os escravos que deseja, os escravos que possui, os escravos que cobiça aos amigos, com olhar lúbrico, os escravos que os amigos lhe cobiçam, e que ele vigia, com olhar duro; desfilam os nomes de um Diadúmeno, o dos beijos que rescendem aos mais raros perfumes, mas que nada concede *sine inuidia*<sup>31</sup>, de um Catacisso (9.93), de um Díndimo (5.83; 10.42; 11.6), de um Hilo ou de um Ligo, que dantes nada negavam e agora tudo recusam (4.7; 11.73; 12.71), ou de um Telésforo, *grata quies, blanda cura*<sup>32</sup>. Mas todos eles são, de certo modo, simples retalhos da imagem que o poeta tem do *puer* ideal, belo, jovial, a tez branca e os cabelos longos e lisos, o olhar luminoso e os lábios vermelhos, indiferente às solicitações de todos, *pueri* ou *puellae*, dominando a arte de negar o que se deseja e de obter o que se não quer dar (4.42), em jogo do gato e do rato que, se apetece ao poeta e o excita, bem depressa lhe deixa na alma o travo amargo da solidão, o veneno insidioso do desencanto e do desencontro, aquele que transbordará da verificação magoada do dístico *Difficilis facilis, iucundus acerbus es idem: / nec tecum possum uiuere nec sine te*<sup>33</sup>, aquele que encherá a taça dos anos bebidos até ao fim, na consciência da finitude do que é humano e da fugacidade de tudo o que pensamos possuir. E aí, quando esse sentimento da efemeridade da vida e do amor o toma, é em tom horaciano que glosa o motivo do *carpe diem*, em libações que encham o momento que passa, coroadas das rosas ou dos nardos que num instante deslumbram e num instante murcham, ciente de que pouco há que valha a pena, e mesmo isso em breve os deuses no-lo podem tirar<sup>34</sup>.

<sup>31</sup> 3.65.10: *sem relutância*. Cf. 5.46; 6.34.

<sup>32</sup> 11.26. 1: *meu grato remanso (...) meu brando tormento*. Cf. tb. 11.58.

<sup>33</sup> 12.46(47): *És difícil e fácil, alegre e amargo ao mesmo tempo: / não posso viver contigo... nem sem ti*. Neste dístico é evidente o eco de Ovídio, *Am.* 3.11b, 39: *sic ego nec sine te nec tecum uiuere possum* (trad. de Carlos Ascenso André, Lisboa, Cotovia, 2006: *Assim, nem sem ti nem contigo sou capaz de viver*).

<sup>34</sup> Tomem-se como exemplos, não únicos, mas assaz significativos, 2.59; 5.64.

Não é de amor que falam os *Epigramas*. Ninguém que persista em acreditar que a vida nada significa sem a bênção do amor encontrará na poesia de Marcial o que quer que seja que lhe fale ao coração. Apenas a crueza dos sentidos que, satisfeitos, logo esquecem quem lhes satisfaz. E uma mente conservadora que, afinal, muito contribuiu para que a visão que os vindouros receberam da vida e da sociedade romana do séc. I seja a de um enorme fresco de devassidão e desregramento. É que a caricatura tomou-se por retrato e a árvore pela floresta. Sem nada ter mudado com tais denúncias e censuras – os escritores cristãos acusam e censuram, *grosso modo*, o mesmo que os moralistas e satíricos pagãos – o que daí resultou foi um juízo de valor a nosso ver deformado, assente em leituras apressadas e parcelares, abrindo espaço para a picante e, por isso mesmo, atraente ficção, bem como para a succulenta matéria cinematográfica que povoa o imaginário do vulgo, com as intermináveis orgias em que todos participavam sem nenhum constrangimento, regadas de vinho e empanturradas de comezainas, numa espiral de enfado que era mister fustigar constantemente com novos prazeres, cada vez mais rebuscados e desviantes, quer fosse nos leitos, quer nas bancadas do anfiteatro.